

## AS METÁFORAS E A HETERONORMATIVIDADE NA SÉRIE DE TELEVISÃO “SESSÃO DE TERAPIA”

ANE CRISTINA THUROW<sup>1</sup>; ARACY ERNST<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Católica de Pelotas – [ane.thurow@gmail.com](mailto:ane.thurow@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Católica de Pelotas – [aracyep@terra.com.br](mailto:aracyep@terra.com.br)

### 1. INTRODUÇÃO

O discurso traz em seu cerne algo já determinado, constituído pelas relações sócio-históricas dos sujeitos, possibilitando (re)produções diversas. Pelo sujeito ser efeito de linguagem, está submetido à história e à ideologia, constituindo-se através de um processo contínuo de transformação. As práticas discursivas do sujeito, em sua tomada de posição, revelam a normatização, a regulação do modo de falar, pensar e agir, adequando-se ou não aos padrões estabelecidos socialmente.

A pressão social e ideológica vivenciada por alguns sujeitos é retratada nas telas de televisão através de novas dinâmicas espectatoriais. Um exemplo são as séries que possuem mecanismos narrativos, diálogos e imagens, baseados na reiteração de personagens, assuntos e situações. A série de televisão brasileira *Sessão de Terapia* (re)produz, em sua terceira temporada, a história fictícia da personagem Felipe no contexto psicanalítico. Surge a discussão de temas heteronormativos pautados na padronização e categorias de gênero.

A partir da materialidade discursiva – linguística e visual – do primeiro episódio da personagem Felipe, procuramos analisar as metáforas vinculadas à heteronormatividade para compreender os efeitos de sentido produzidos no discurso. As pistas encontradas pelos efeitos metafóricos permitem a observação do discurso heteronormativo no contexto sócio-histórico atual, possibilitado pelo aparato teórico da Análise de Discurso (AD) e dos Estudos de Gênero.

Entendemos a metáfora como a substituição de um significante por outro significante, concebendo a apreensão de sentidos outros. Algumas substituições ficam arraigadas em sua existência, fazendo com que os efeitos metafóricos se perpetuem. Para PÊCHEUX (2009, p. 240), “o sentido existe exclusivamente nas relações de metáfora”, ficando provisoriamente inscrito no interior de certa formação discursiva (FD). A partir da metáfora “se cria a possibilidade não apenas de desenvolvimento do significante, mas também de surgimento de sentidos sempre novos, que vem sempre contribuir para aprimorar, complicar, aprofundar, dar sentido de profundidade àquilo que, no real, não passa de pura opacidade” (LACAN, 1999, p. 35), o que é permitido pela abertura da língua ao possível e ao impossível.

As metáforas estão atreladas à língua e comportam deslizamentos, deslocamentos, falhas e equívocos, que movimentam os sentidos e os dizeres. Os sentidos são produzidos por diferentes instituições e práticas discursivas e não discursivas que constituem socialmente as identidades. As construções de identidades estão permeadas de relações de poder que são estabelecidas na sociedade e “estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação” (LOURO, 1997, p. 27).

A heteronormatividade é uma norma tomada como natural e disseminada em nossa sociedade, regulada por instituições sociais que influenciam o discurso e o comportamento dos sujeitos. Ela funciona pela ideologia heteronormativa quando atrelada à repetição cultural e à manutenção do binarismo (homem/mulher), mas pode trazer uma linguagem nova se conseguir introduzir mudanças e performances

subversivas. Essa ideologia construída historicamente envolve questões de gênero e sexualidade. Para BUTLER (2003, p. 59), “o gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância natural de ser”.

Nesse ponto, a produção de identidades fica restrita ao sistema heterossexual, que se mantém pela estrutura binária e assimétrica e a ilusória “unidade” de gênero. Assim, o sujeito é constituído pelo discurso e pelo gênero, vivenciando a ideologia heteronormativa determinada pelas instituições sociais e manifestações culturais que se transformam nas relações sociais.

## 2. METODOLOGIA

O objeto de estudo deste trabalho é o terceiro episódio da terceira temporada da série de televisão Sessão de Terapia (primeiro episódio do sujeito-paciente Felipe). A partir da transcrição das falas do sujeito-paciente e do sujeito-terapeuta foram realizados recortes para determinar as formulações de referência que seriam analisadas qualitativamente. Para a compreensão da história fictícia do sujeito-paciente, optamos pela análise de sequências discursivas de referência (SDR) que apresentam metáforas que operam tanto no campo linguístico como no semântico/pragmático. Considerando as condições de produção e a série de formulações existentes, buscamos encontrar o deslocamento de sentido produzido na SDR, os pontos de recorte pertinentes ao processo de produção dominante do efeito metafórico, possibilitando a interpretação e compreensão (PÉCHEUX, 2014).

Como o uso da metáfora não é opcional, mas determinado pela posição-sujeito, sua utilização é, pois, ideológica e inconsciente, relacionada à filiação à(s) FD(s) e à derivação de sentidos. Por meio das condições de produção das SDR, diferentes modos de funcionamento discursivo surgem pela reiteração do discurso heteronormativo (re)produzido no espaço do *setting* terapêutico.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As metáforas são mais do que uma mera substituição, pois os sentidos surgem na cadeia significativa em certas condições de produção. O discurso do sujeito-paciente apresenta saberes representativos da FD tradicional hétero, da ideologia heteronormativa e da formação ideológica capitalista, rememorando o padrão social de família heterossexual. Como a linguagem está associada à heteronormatividade, os sentidos parecem estar cristalizados, mas a transformação gradativa desse sistema pode acontecer e se realizar nas metáforas. Vejamos alguns exemplos:

SDR1 – Eu sou filho único. Entendeu o **drama**?

SDR2 – Esse **lance** da Nicole, a menina de Paris. Nossa! Foi um **drama**! Eu saí com a Nicole, mas depois eu **dispensei**. A minha mãe ficou sem falar comigo um mês.

SDR3 – Eu recebi um ultimato. A Guta disse que **chegou no limite**. Ela falou que **chegou a hora** de eu enfrentar a vida, fazer escolhas, assumir nosso namoro.

Empiricamente, os significados contidos em SDR1 apresentam um estereótipo: um homem, solteiro, bonito e herdeiro de uma família da “alta sociedade” e possível detentor da força patriarcal. Isto nos auxilia no entendimento das condições de produção, visto que o discurso do sujeito-paciente parece mostrar um padrão social,

político e comportamental edificado historicamente como ‘natural’. No ponto de recorte, temos um questionamento com a palavra “drama”, criando a ideia de exagero e intensidade ao dizer, uma abertura da língua para o equívoco. Trabalhando com a ideia parafrástica, “drama” ao ser substituído por “problema” acarreta em efeitos de sentidos que escorregam no interior da FD, de maneira a configurar uma possível solução para o fato de ser “filho único”. Uma metáfora que se constitui pelo deslocamento de sentidos em busca da compreensão das identificações com o Outro (mãe/sociedade).

O discurso do sujeito-paciente remete à prática discursiva heterossexual, impregnado pela “falsa-aparência de um real natural-social-histórico homogêneo” (PÊCHEUX, 2008, p. 32), que reflete à identificação com o Outro, fazendo emergir o atravessamento ideológico heteronormativo. Constituímos uma imagem de sujeito heterossexual, com um discurso permeado pela problemática vivenciada e uma tomada de posição que ora se identifica com a FD tradicional hétero ora desloca-se para fora da FD. Esse movimento de (des)identificação acontece pela inconstância do dizer, pelos efeitos metafóricos produzidos na incerteza de ser do sujeito.

Notamos que a mãe apresentada no discurso do sujeito-paciente, aparentemente, domina suas escolhas, seja através de seu discurso e postura atuante seja pelo silenciamento (A minha mãe ficou sem falar comigo um mês), tomado pelo sujeito-paciente como algo inflexível. Em SDR2, o ponto de recorte “lance”, pelas condições de produção do discurso, aponta para uma “relação” causadora de um “drama”, relativo à imposição da mãe. O sujeito-paciente, ilusoriamente, escolhe o que fazer/dizer, mas sabemos que as determinações ideológicas e imaginárias trazem à tona sua posição. A posição do sujeito-paciente, pautada na identificação com a mãe e busca da subjetividade, mas, sobretudo no seu desejo, converte a ação de “dispensar” em algo regulado pela ideologia heteronormativa (um homem tem uma relação com uma mulher e depois a rejeita). Se o sujeito-paciente enunciasse “essa relação” ao invés de “esse lance”, teríamos sentidos outros, possibilitados pela ideia de vínculo estabelecido e não mais um evento corriqueiro. Sentidos transformados pelos efeitos metafóricos, transbordando em possibilidades outras de significar.

O discurso do sujeito-paciente, como heterossexual na sociedade, traz expressões que supostamente são índices da constituição da identidade de gênero. Há um imaginário por trás da construção desse dizer, no desejo constitutivo do sujeito que vai além de suas relações sociais e afetivas, no atravessamento ideológico e histórico vivido e que instaura pontos de deriva de sentido que transpassam a constituição da subjetividade. Esses pontos de deriva não pertencem ao sujeito, estão na sua constituição, permitindo a expansão dos sentidos. É o equívoco que possibilita o deslocamento e a transformação de sentidos, pois a evidência de sentidos, legitimada social e historicamente, materializa-se na língua, lugar do possível e do impossível.

Pelo discurso do sujeito-paciente em SDR3, compreendemos que há uma imposição de Guta (sujeito-namorado) para que seja apresentada como namorada. A materialidade discursiva parece nos informar o padrão heteronormativo vigente, em que sujeitos adultos precisam expor suas vivências e relações afetivas, o que notamos na passagem “chegou a hora de eu enfrentar a vida, fazer escolhas, assumir nosso namoro”. A função de “assumir”, enunciada pelo sujeito-paciente, vai além do “namoro”, acarretando na exposição de sua orientação sexual - homossexual. As expressões “enfrentar a vida” e “assumir” deslocam os sentidos, encaminhando para a imprecisão da aprovação da mãe, da sociedade (pai, amigos).

Para compreender os efeitos metafóricos desse dizer, lembramos que o ultimato faz referência a uma decisão final e irrevogável, solicitada pelo sujeito-namorado. O dizer “A Guta disse que chegou no limite” encaminha para a noção de que é tempo de agir, de assumir, de realizar algo, isto porque o sujeito-namorado não é Guta, mas sim Guto. O ato de assumir algo se amarra às inscrições do sujeito às FDs que, inconscientemente, interferem na sua tomada de posição.

Na expressão “chegou no limite”, o discurso do sujeito-paciente traz a interpretação do dizer do sujeito-namorado, apontando para um possível “cansaço” e um suposto pedido de resolução para a relação amorosa. O sujeito-paciente, interpelado pela ideologia heteronormativa, pela FD tradicional hétero, atravessado pelas práticas das instituições sociais e pelo capitalismo vigente, produz metáforas para, assim, expor a forma de “enfrentar a vida” e “assumir” as decisões.

O que pretendemos é desfazer as evidências contidas nos dizeres do sujeito-paciente, que expressa seu lugar social – heterossexual ou homossexual – e sua tomada de posição, fazendo com que o equívoco surja e signifique de diferentes formas. A análise das SDRs pressupõe as possíveis representações de mãe, namorado e si mesmo criadas imaginariamente pelo sujeito-paciente, estando as metáforas pautadas na ideologia heteronormativa. A posição do sujeito-paciente indica a desidentificação com a FD tradicional hétero, mas ele recorre a ela, inconscientemente, ao enunciar suas apreensões e comportamentos.

#### 4. CONCLUSÕES

O discurso do sujeito-personagem está atrelado aos saberes heteronormativos, criando deslocamentos que remetem a uma possível constituição identitária. Buscamos tratar as (in)visibilidades do discurso da personagem que representa uma parcela socialmente silenciada da população. A imposição da hegemonia heterossexual transpassa os enunciados do sujeito, colidindo com o desejo do sujeito homossexual. Este estudo teve como preocupação trabalhar os efeitos da metáfora na constituição da subjetividade e da identidade de gênero. Acreditamos que a identidade de gênero se transforme pelo efeito do empoderamento do sujeito e pela adaptação da linguagem às mudanças sócio-históricas atuais.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUTLER, J. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2003.
- LACAN, J. **O Seminário**. Livro 5. As formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- LOURO, G.L. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- ORLANDI, E.P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. (1999) 10. ed. Campinas: Pontes Editores, 2012.
- PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2008.
- \_\_\_\_\_. (1988) **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 4. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Análise Automática do Discurso (AAD-69)**. In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma Análise Automática do Discurso: Uma introdução à Obra de Michel Pêcheux**. Campinas: EDUNICAMP, 2014. Cap. III, p. 59-158.